

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NA MÍDIA

CASTELLAR, Taciana¹ (UEM)

TERUYA, Teresa Kazuko² (UEM)

Agência financiadora: CAPES

Introdução

As notícias sobre os transtornos de déficit de atenção e hiperatividade estão cada vez mais conhecidas e discutidas nos veículos de informação tanto na mídia³ impressa quanto na mídia *online*. As informações disponibilizadas no espaço midiático interferem e refletem a nossa percepção sobre a realidade. O processamento e a circulação de informações e modelos teóricos atuam como mediadores de nossas interações com o universo (Levy, 1998). No entanto, é comum encontrar notícias que não são esclarecedoras e muitas vezes revelam a falta de conhecimento teórico por parte de quem escreve o texto.

Atualmente, o “poder simbólico” exercido pela mídia assegura o “monopólio da produção ideológica” à cultura hegemônica em nível internacional, e é reproduzido pela lógica construída por um corpo especializado em *discurso competente*. Trata-se de um discurso fundado na cientificidade e portador da verdade indiscutível. (TERUYA, 2006, p. 54)

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduada em Letras. (tacianacastellar@hotmail.com)

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-doutora em Educação pela Universidade de Brasília. Professora associada da Universidade Estadual de Maringá, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação. ([tkteruya@uem.br](mailto:takteruya@uem.br))

³ Teruya (2006) utiliza o conceito de mídia utilizado por Dizard Júnior (2000, p.291-292). “A mídia impressa abrange todo veículo de comunicação que utiliza a palavra impressa para transmitir mensagens, tais como: os cartazes, as revistas, os jornais entre outros. A mídia eletrônica abrange veículos de comunicação eletrônica como aparelhos de som, o rádio e a televisão. A nova mídia aparece como derivação do uso dos computadores e da eletrônica digital, por exemplo: a internet.”

Este discurso competente que Teruya empresta de Chauí (1981) atesta o sujeito de incompetente social por estar alheio à lógica da dominação discursiva veiculada na mídia. Se não há a presença de um pensamento crítico, as informações que promovem meias verdades sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, certamente contribuem para a criação de falsas crenças sobre o transtorno.

Pensando nisto analisamos duas notícias, uma intitulada: “Transtorno ou travessura?”, publicada pela revista *Veja* no dia 11/4/2012, na página 118 e “Ritalina, remédio usado para tratar crianças com TDAH, melhora a capacidade de aprender, dizem os especialistas.”, disponível no *website* do jornal *O Globo*, publicado no dia 08/03/2010. Este artigo pretende responder a questão: Será que as informações sobre o TDAH veiculadas na mídia são consistentes e estão ancoradas nas pesquisas científicas? Por meio da fundamentação teórica da linha crítica dos Estudos Culturais, buscamos analisar como a mídia vem retratando o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Antes de apresentarmos a caracterização teórica sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, mostraremos o significado das palavras transtorno e déficit a fim de facilitar a compreensão conceitual dos termos.

O que é o TDAH?

O dicionário Aurélio de língua portuguesa define o termo transtorno a ideia de desordem ou desarranjo. Em contrapartida, a palavra déficit significa a falta para completar uma conta e/ou orçamento.

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais (DSM III, 1989) propõe a denominação de “distúrbio por déficit de atenção com hiperatividade”, por causa da elevada frequência de problemas de atenção em crianças hiperativas, e sua persistência e estabilidade ao longo do tempo. No entanto, o distúrbio por déficit de atenção pode ou não estar acompanhado de um comportamento hiperativo.

Segundo Vega (1988), até os dois anos de idade, a atenção é controlada e dirigida por determinadas configurações de estímulos, não existindo controle voluntário da atenção. Já entre os dois e cinco anos, surge o controle voluntário da atenção. A

criança já consegue concentrar-se de forma seletiva em alguns aspectos da estimulação externa. E a partir dos seis anos, ocorre uma mudança notável. O controle da atenção passa a ser interno. A criança já é capaz de desenvolver estratégias para atender, seletivamente, os estímulos que ela considera relevantes para a solução de determinados problemas, sejam eles ou não os aspectos mais centrais da estimulação externa.

A hiperatividade caracteriza-se por uma atividade motora excessiva, isto é, uma manifestação corporal desorganizada e que com frequência não possui um objetivo concreto. O comportamento impulsivo também é recorrente em casos de hiperatividade. O indivíduo possui uma tendência à satisfação de seus desejos e não é resistente a frustração. A evolução do distúrbio hiperativo pressupõe, para (Coll; Palacios; Marchesi, 1995, p. 164), “já desde o início, interações problemáticas no ambiente familiar. Os pais sentem-se impotentes diante da atividade exagerada da criança e suas condutas opositoras”. O temor em relação às possíveis consequências negativas do comportamento da criança pode levar ao isolamento social da mesma.

Podemos compreender o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade como distúrbio do comportamento que se torna mais frequente na idade pré-escolar e escolar, e é caracterizado por um nível de atividade motora excessivo, de déficit de atenção e falta de autocontrole. Assim, o TDAH é um problema de funcionamento cerebral que está atrelado ao desarranjo e ausência de estratégias de atenção que impossibilitam o indivíduo a desenvolver a capacidade de autocontrole de seus movimentos. As informações sobre o TDAH são temas que aparecem na mídia, por isso, selecionamos duas notícias para analisar sua consistência e base científicas.

A descrição e análise do discurso das reportagens

Escrito pela jornalista Daniela Macedo, a notícia “Transtorno ou travessura?” mostra o alerta de especialistas em relação ao excesso de diagnósticos de déficit de atenção e hiperatividade entre crianças na idade escolar. Segundo Daniela Macedo, as crianças vivem cercadas de estímulos através da utilização de aparelhos celulares, videogames e computadores e quando solicitadas a permanecerem sentadas por muitas horas em sala de aula, é inevitável que aconteça a perda de paciência e de concentração

da criança. Por conseguinte, vem as notas baixas e a suspeita de um quadro de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

O título da notícia em forma de pergunta, “transtorno ou travessura?”, teve apenas destaque em negrito para as palavras “transtorno ou”. Percebe-se então, uma tentativa de chamar atenção do leitor e perguntá-lo previamente se o déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é mesmo uma questão de transtorno. A palavra travessura encontra-se grafada na cor azul. No entanto, ao analisar o sentido da palavra travessura, isto é, uma ação de travesso, um indivíduo inquieto e cujas brincadeiras acarretam situações de perigo para si e para outrem, nos remete a uma representação social sobre este sujeito portador de TDAH ou simplesmente um travesso com traços suspeitos de TDAH. Parece que ser travesso representa socialmente a ideia de um indivíduo agitado e a maneira como as palavras “transtorno ou” foram dispostas, dá a impressão de algo que exige cuidado.

O problema surge quando há um diagnóstico deste transtorno. A psicóloga consultada pela reportagem, Marilene Proença, da Universidade de São Paulo, diz que “as perguntas não são contextualizadas nem sofrem adaptação para diferentes faixas etárias. Ou seja, questões como tem dificuldade de esperar sua vez? E fala em excesso?, além de subjetivas, servem para avaliar crianças de 3 a 12 anos, que tem noções de tempo muitas vezes diversas e estão em estágio de sociabilidade distintos”. Além deste alerta, Marilene Proença diz que “o limite entre as atitudes típicas da infância e um distúrbio neurobiológico é em parte cultural e nem sempre objetivo.”

A escolha de um profissional da área de saúde mental e com formação acadêmica em destaque, neste caso, a fala da psicóloga, contribui para qualificar as informações íntegras da notícia por meio de um “discurso competente”, tão bem analisado por Chauí (1981). Além disto, os fatos apresentados pela psicóloga sustentam a ideia central da notícia de que é um alerta geral aos pais e profissionais envolvidos com educação para o excesso de diagnósticos, muitas vezes confusos, de TDAH. Em relação à utilização de medicação para tratar de comportamentos, a psicóloga ressalta a seguinte ideia:” Há, portanto, um questionamento sobre a utilização e implicação dos medicamentos comumente receitados por médicos aos pacientes portadores ou não de TDAH”. Por fim, a psicóloga critica: “Um diagnóstico impreciso de TDAH implica usar

medicação para resolver um problema que na maior parte das vezes é pedagógico.” Então, percebemos que o discurso desta notícia recai sobre um problema que está atrelado ao comportamento do sujeito e que possui muitas influencias do meio social e escolar, mas mesmo assim, os profissionais como psicólogos, psicopedagogos e neuropediatras devem ser consultados em casos de suspeitas.

Nesta primeira notícia, diz que a medicalização possui um grande impacto sobre o organismo, em especial, o sistema nervoso central e pode acarretar em efeitos colaterais como dor de cabeça, náusea e taquicardia. Muitas vezes, o problema do TDAH é de origem pedagógica, assim, a notícia conclui com a ideia: “A recomendação, portanto, é de cautela: se houve suspeita de TDAH, o ideal é buscar o veredicto de vários profissionais antes de decidir-se pelo emprego de medicamentos.”

A segunda notícia não possui nenhum autor ou autora responsável pelo texto. Trata-se da edição do mês março/2010 do jornal O Globo, cujo título apresentado é: “Ritalina, remédio usado para tratar crianças com TDAH, melhora a capacidade de aprender, dizem os especialistas”. O texto divulga uma descoberta de cientistas da Universidade da Califórnia, São Francisco, nos Estados Unidos, em que a ritalina, medicamento comumente receitado no Brasil para auxiliar crianças com TDAH, contribui para o aumento de concentração e interfere positivamente na aprendizagem. Diz a notícia, “[...] a ritalina atua na comunicação entre os neurônios durante a sinapse.” Conforme a informação do jornal O Globo, a descoberta foi inédita. Após a realização de experimentos com ratos, os pesquisadores provaram a influência do remédio nas habilidades cognitivas por meio do aumento da atividade de neurotransmissores de dopamina no cérebro. A notícia explica que “os neurotransmissores são mensageiros químicos que fazem os neurônios se comunicarem.” A conclusão, conforme informação do jornal, é que esta descoberta pode contribuir para o desenvolvimento de novas substâncias ou drogas que possuam um efeito colateral menor e que também ajudem a melhorar o foco e o aprendizado.

Em relação à ação da ritalina, a notícia anuncia o seguinte benefício: “A pesquisa com a ritalina mostrou que o remédio atua num tipo de dopamina, aumentando sua capacidade de concentração, mas também atua em outro tipo, interferindo no

processo de aprendizagem.” No entanto, ao ler as informações farmacodinâmicas, notamos a incoerência entre o enunciado citado pelo texto e as ações descritas abaixo:

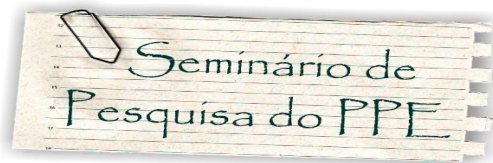
RITALINA é um estimulante do sistema nervoso central. Seu mecanismo de ação no homem ainda não foi completamente elucidado, mas presumivelmente ele exerce seu efeito estimulante ativando o sistema de excitação do tronco cerebral e o córtex. O mecanismo pelo qual ele produz seus efeitos psíquicos e comportamentais em crianças não está claramente estabelecido, nem há evidência conclusiva que demonstre como esses efeitos se relacionam com a condição do sistema nervoso central.

Fora isto, é preocupante a incerteza da ação do remédio no organismo humano, segundo o fabricante do remédio: “Ritalina é um estimulante do sistema nervoso central. Seu mecanismo de ação no homem ainda não foi completamente elucidado, mas presumivelmente ele exerce seu efeito estimulante ativando o sistema de excitação do tronco cerebral e o córtex”. Além disto, a notícia não traz nenhuma informação sobre as indicações e contraindicações, muito menos os possíveis efeitos colaterais. O discurso do texto é que a descoberta da pesquisa americana é um importante marco para a relação entre o sujeito e a aprendizagem e o avanço em pesquisas de novas drogas para combater o transtorno, mas com os efeitos colaterais mais amenos.

O uso discriminado ou indiscriminado e os questionamentos sobre a maneira pela qual o diagnóstico de TDAH é feito no Brasil, revela a contradição no que tange as expectativas sociais em relação ao fracasso escolar. Espera-se que o sujeito participe ativamente das atividades escolares, posicionar-se de forma crítica é simbolicamente tão bem visto quanto destacar-se em matérias tidas como difíceis: língua portuguesa e matemática.

As notícias apresentadas neste artigo refletem as inquietações vividas na escola e as aflições de professores e pais que não sabem lidar com um aluno que possui um transtorno ou com um aluno travesso. Estas angústias captadas pelas lentes dos autores de matérias midiáticas retratam através do discurso, as práticas sociais que por sua vez revelam o pensamento cultural de uma época.

Em relação à cultura e prática social, Hall (1997, p. 13) explica que:



[...] não é que tudo é cultura, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo.

Não somente as palavras que possuem um discurso. As ideias, as imagens e as representações tanto do indivíduo possuidor ou não de transtorno, quanto de um grupo farmacêutico, por exemplo, compõem uma prática social e que tem elementos discursivos em sua existência. Dessa forma, para Hall (1997): “As práticas sociais, na medida em que dependem do significado para funcionarem e produzirem efeitos, se situam “dentro do discurso”, são “discursivas”.

Além disto, é importante ressaltar que as ideias que os indivíduos possuem sobre si mesmos e sobre o mundo são construídas socialmente por meio de representações, conforme explica Hall (1997, p. 8):

[...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles).

Em contrapartida, as pessoas possuem o livre- arbítrio para concordar ou discordar de ideias presentes na sociedade, mas nem sempre há a possibilidade de se questionar sobre tudo aquilo que pensa. Os efeitos de imagem, a rapidez da transmissão da informação, a democratização dos espaços cibernéticos ou a facilitação na comercialização de jornais e revistas facilitam o poder que a mídia exerce na construção do pensamento dos receptores de informação. Segundo Teruya (2006): “A mídia, na medida em que exerce influencia sobre o universo simbólico das pessoas, é um instrumento com o poder de ensinar e educar o povo, mas também de deseducá-lo”.

Para Teruya (2006), no contexto de mundo midiático, os indivíduos passam a organizar suas representações simbólicas e/ou ideológicas em torno dos princípios difundidos em diferentes mídias. Por este motivo, questionamos a qualidade das informações que vem sendo publicadas pela mídia, em relação ao transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Ora encontramos notícias ou reportagens que defendem a

utilização de substâncias psicoativas como a ritalina em casos de TDAH, sem ter o cuidado de investigar de fato o que é o transtorno e quais são as implicações do uso destas substâncias, ora nos deparamos com matérias que confundem o comportamento hiperativo com o quadro de ansiedade.

Considerando o contexto social da informação, ou seja, uma sociedade composta de receptores, ativos ou passivos, usuários e/ou consumidores dos recursos da mídia e de pessoas que produzem ou difundem mensagens ou informações (Teruya, 2006), o receptor deve se preocupar com o conteúdo exposto e compartilhado. Este cuidado sugerido contribui para o desenvolvimento de um olhar atento e crítico em relação ao transtorno e todas as práticas e representações sócias embutidas nas concepções de alguns grupos ou pessoas que utilizam a mídia como veículo de comunicação.

Parcerias comerciais são negociadas entre diversos veículos de comunicação e estes acordos acarretam em alterações na configuração econômica, que por sua vez, une ideologias de grupos e aumentam-se o poder de alcance da informação ao grande público, conforme salienta Teruya (2006, p. 46):

As fusões entre as grandes empresas de mídia com as telecomunicações permitem monopolizar os veículos de informação para as massas. A privatização e a monopolização da mídia na divulgação do saber contribuem para nortear e homogenizar o pensamento humano através do processo de informatização em todas as áreas do conhecimento.

Teruya (2006) argumenta que as tecnologias sofisticadas da televisão, sob o controle dos representantes da burguesia, não só disseminam um conjunto de valores e signos necessários para o novo padrão visual e o novo estilo de vida adequado ao cidadão atual, mas também induzem pessoas a copiarem modelos prontos que definem a moda, comportamentos, expressões, posturas etc.

Em relação à formação do discurso, Foucault (2009) ressaltou que há um conjunto de mecanismos que subsidiam o discurso: as palavras que se relacionam entre si em forma de pensamento, a formulação de enunciados, isto é, sentenças que expressam o problema que se deseja comunicar e posteriormente o discurso do

enunciado. Fora isto, percebemos em nossa análise, que o enunciado está atrelado a concepções, representações e contextos históricos relacionados ao meio social.

Os discursos identificados neste artigo revelam uma cultura que influencia a prática social, através das representações em textos, imagens, conceitos e ideias. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo" Hall(1997). As palavras não são ditas ou escritas de forma aleatória, há um conjunto de significados e contextos que formatizam o enunciado, que por sua vez, transforma-se em discurso. Os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala" (Foucault, 1987, p.56).

É importante reiterar que a cultura está imbricada indissolavelmente com relações de poder, derivam dessas relações de poder a significação do que é relevante culturalmente para cada grupo (Veiga-Neto, 1994). Isso significa, então, uma desnaturalização da cultura, isso é, significa que, para os Estudos Culturais, não há sentido dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder.

Poder e discurso estão ligados entre si e configuram uma rede de significações e identidades culturais e a isto se justifica o diálogo estabelecido neste artigo entre o pensamento de Foucault e os Estudos Culturais. Para Hall (1997), os Estudos Culturais se apresentam como um campo capaz de articular disciplinas tradicionais como a Sociologia e a Psicologia, atenuando suas tradicionais fronteiras, do que quase sempre resulta uma maior potência analítica e estratégica. É esse caráter articulador que faz dos Estudos Culturais um campo avesso ao reducionismo epistemológico.

Conclusão

Para responder a nossa pergunta, selecionamos as informações sobre o TDAH veiculadas nas duas notícias, uma da mídia impressa e outra da mídia online, a fim de analisar a consistência teórica e científica sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. As notícias selecionadas trazem fatos e pesquisas discutidos com ênfase

tanto na mídia quanto na universidade, na escola e entre as famílias. Sendo assim, consideramos relevante a tentativa de problematizar o assunto. O problema recai na ausência de leituras científicas relacionadas ao TDAH do ponto de vista neuropsicológico (estudo das relações entre as funções psicológicas superiores e as estruturas cerebrais) e dos estudos culturais (consiste em analisar as práticas culturais tendo em vista o seu envolvimento com, e no interior das relações de poder).

Os discursos analisados possuem o *status* de inquestionável ao olhar de um leitor leigo sobre a temática discutida. A divulgação de notícias sem procedência é problemática, à medida que o poder de alcance destes veículos de comunicação na sociedade é significativo e podem gerar confusões no nível de compreensão real do transtorno, falsas crenças, por conseguinte, falsos diagnósticos.

Tanto o/a leitor/a quanto o indivíduo que escreve e divulga as informações na mídia, devem ter um conhecimento teórico sobre o transtorno de déficit de atenção e suas implicações na escola e vida cotidiana. Por isto, defendemos a divulgação de trabalhos científicos não somente no contexto acadêmico, mas principalmente nos veículos de comunicação. As ferramentas de produção midiática como os blogs, os documentários e as redes sociais é uma possibilidade de ser aliadas na difusão do conhecimento científico.

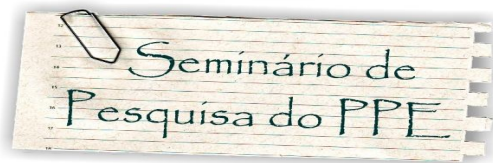
REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas.** 2. ed. São Paulo : Moderna, 1981

COLL, Cesar; PALÁCIOS, Jesús & MARCHESI, Alvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação. Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** Trad. Marcos A.G. Domingues. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 164

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. – 7. E.d. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Media and Cultural Regulation. Londres: Sage, 1997. P. 8-13



LÉVY, Pierre. **A máquina do universo: criação, cognição e cultura informática.** Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ArtMed, 1998^a.

SILVA, Tomaz T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação.** Petrópolis: Vozes, 1995. P. 7-32

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo do mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação.** Maringá: EDUEM, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e Educação: outros estudos foucaultianos.** In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994.p. 225-246

VEGA, J.L. **Desarrollo de la atención y transtornos por déficit de atención.** Salamanca: Universidad de Salamanca, 1988. P. 162

MACEDO, Daniela. **Transtorno ou Travessura?.** Revista Veja – Guia Veja, São Paulo, Editora Abril, ed. 2264, n. 15, p. 118, 11 abr. 2012.

DSM-III-R: manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais. Trad. Lúcia Helena Siqueira Barbosa. São Paulo : Manole, 1989. 602p.

RITALINA, remédio usado para tratar crianças com déficit de atenção, melhora a capacidade de concentração. Jornal O Globo. Publicado em 08/03/2010. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/ciencia/ritalina-remedio-usado-para-tratar-criancas-com-deficit-de-atencao-melhora-capacidade-de-3043222>> Acesso em: 10 abr. 2012